Espaço pessoal: uma revisão bibliográfica

EURÍDICE FREITAS *

1. Introdução; 2. Abrangência dos estudos e pesquisas; 3. Posições teóricas; 4. Metodologia; 5. Síntese das investigações.

1. Introdução

Proxêmica, espaço pessoal e *distância interpessoal* são expressões intercambiáveis no já avultado número de pesquisas, geradas a partir dos trabalhos de E. T. Hall e de R. Sommer, sobre a maneira como as pessoas usam o espaço durante suas interações com outras e com o seu ambiente. Surgem esses constructos enquanto representativos dos fenômenos próximos, por oposição aos fenômenos distantes. *Distância* significa a característica estabelecida entre as pessoas quanto à utilização do espaço, em determinada situação.

Não consta da literatura uma explicação precisa nem pontos de vista unânimes que caracterizem sua definição. Observa-se, contudo, na enumeração dessas expressões, que parecem ambíguas, um denominador comum: perfilam elas uma espécie de "perspectiva de transações humanas em função da distância", com a valoração do que está próximo em detrimento do que está afastado.

Todos esses constructos estão documentados em termos de linguagem silenciosa de comunicação não-verbal, e são analisados em função de suas relações com atitudes, gestos, posições e orientações, abrangendo, assim, toda a fenomenologia do comportamento humano.

São constructos que se inserem propriamente no campo da etologia humana, ou mais particularmente, da semiótica.

Nas pesquisas dos etologistas, um novo parâmetro – territorialidade – entrou no estudo científico do comportamento, devido à importância do espaço geográ-

* Psicóloga do ISOP.

fico e das locações territoriais específicas sobre o comportamento adaptativo e social dos animais. Circunscritas a princípio ao comportamento animal, as preocupações dos etologistas e sua influência, em breve, iriam estender-se ao estudo do comportamento humano, pondo em relevo o valor crítico do planejamento do espaço pessoal.

Os etologistas, notando que um território usualmente dá ao ocupante um sentido de controle sobre ele, começaram a investigar as inter-relações de formas de comportamento sócio-espacial, examinar o uso do espaço pessoal e da dominância territorial, observar a estrutura do espaço nas relações interpessoais, e a analisar os efeitos, no comportamento proxêmico, de fatores como raça, sexo, cultura, traços de personalidade e condições de alta densidade grupal.

Para Hall,[1] a proxêmica é o estudo de como o homem inconscientemente estrutura o microespaço; o espaço pessoal gerado por ele é culturalmente determinado, variando, pois, de cultura para cultura.

Em algumas de suas pesquisas, o referido auto observa a influência das variações culturais nos encontros face a face, na postura e na atitude que as pessoas geralmente assumem enquanto conversam, como também verifica que, na estruturação do tempo e do espaço, as minorias subculturais mantêm seus próprios padrões de comportamento.

Essa distância proxêmica é estabelecida pela interação de forças de aceitação e de rejeição, isto é, de aproximação e de afastamento, distância que tende a aumentar sob condição de *stress* em aglomerações grupais, dispondo-se a decrescer na mesma medida em que progride o grau de conhecimento e de amizade entre os indivíduos envolvidos na situação.

O termo proxêmica traduz, assim, o aspecto científico no tratamento das relações de proximidade. A ciência do *habitat*, o planejamento urbano, o de auditórios, bibliotecas e salas de aula, a distribuição dos indivíduos num posto de trabalho e até a disposição dos debatedores numa mesa-redonda, tudo envolve o fenômeno proxêmico.

A expressão *espaço pessoal* é, porém, muito mais abrangente, uma vez que, em seu estudo, não se consideram apenas os fenômenos de distância; distinguem-se, também, seus liames com outros fenômenos, como a localização no ambiente, a densidade de uma situação coletiva, a orientação e o reconhecimento do direito de cada indivíduo a um espaço pessoal próprio, o que permite ressaltar a importância do fator espaço pessoal em psicologia.

O espaço pessoal, que depende tanto do indivíduo como das situações e da cultura, deve ser considerado segundo várias dimensões, pois ele é, ao mesmo tempo, *interpessoal, psicossocial* e *cultural*. Nas pesquisas, entretanto, tem sido reduzido a uma única dimensão, tanto assim que a distância interpessoal é o aspecto freqüentemente focalizado nas abordagens do espaço pessoal. "O espaço

[1] Hall, E. T. The Hidden dimension. New York, Anchor, 1966.

com suas propriedades, as pessoas que nele se movem, assim como as atividades nas quais elas estão envolvidas representam sistemas significativos para o indivíduo e influenciam, então, sua resposta ao meio físico." Esta é a conclusão de Proshansky.[2]

Robert Sommer[3] define o espaço pessoal como a área circunvizinha ao corpo, dentro da qual outros não podem introduzir-se. O espaço pessoal refere-se desse modo às distâncias físicas de pessoas, em cuja interação se refletem várias dimensões psicológicas. A percepção do uso do próprio espaço é um indício do comportamento interpessoal, cujo padrão é moldado por fatores diversos como sexo, idade, atitude emocional, preconceito, atos afiliativos, conhecimento e preferências.

Na defesa do espaço pessoal surgem comportamentos que se caracterizam pelo desconforto, embaraço, timidez, enfim, sobrevêm tensões diversas. Quando violado, freqüentemente, leva o indivíduo a desenvolver estratégias ofensivas e defensivas; ele evita, foge ao contato e não exprime desejo de ajudar o que lhe violou o espaço. A invasão do espaço pessoal é uma intrusão nas fronteiras do eu da pessoa, não havendo dúvida, portanto – afirma R. Sommer – de que o comportamento espacial é uma variável das mais relevantes na interação humana.

2. Abrangência dos estudos e pesquisas

Aludindo, explicitamente ou não, ao estudo do espaço pessoal, existe hoje numerosa literatura, de cujo acervo constam livros e artigos, assim como pesquisas e estudos exploratórios, a partir dos trabalhos pioneiros de Hall e de Sommer, já citados aqui.

Ao longo de toda a literatura, comprova-se que o espaço pessoal não é uma realidade independente, de caráter universal. Está ligada, ao contrário, ao tipo e à qualidade de relação com o outro e ao conteúdo dessa relação num contexto cultural, onde se inscrevem comportamentos, condições psicológicas e peculiaridades sociais. É, portanto, um fenômeno complexo em suas relações com outras variáveis comportamentais, e nele se refletem múltiplos fatores, devendo ser considerado sob diferentes perspectivas, e avaliado segundo dimensões várias.

Na maioria dos estudos – muito diversos em seus métodos e técnicas – objetiva-se realçar a importância do espaço geográfico, com a inclusão de pessoas e de objetos, no ajustamento do ser humano às situações vitais.

Pretende-se, na maior parte das investigações, a determinação dos efeitos inconscientes (não percebidos, nem expressos pelo indivíduo) sobre o comportamento e a realidade psicológica em seu conjunto. Em muitas pesquisas, por

[2] Proshansky, H. Environmental psychology. 2. ed. New York, 1976.

[3] Sommer, R. Espaço pessoal. USP, 1973.

exemplo, é ressaltada a força do impacto emocional na invasão do espaço pessoal, enquanto em outras surgem as conseqüências afetivas dessas invasões. Em alguns experimentos, procura-se analisar o papel da cultura e suas variações no comportamento proxêmico e, também, observar as conseqüências pessoais e sociais da densidade e aglomeração dos espaços.

Pode-se agrupar esses estudos e pesquisas nas seguintes epígrafes, indicadoras do objetivo principal que perseguem:

1. *Espaço pessoal e personalidade*: fatores de personalidade e proximidade; conhecimento mútuo e atração pessoal; o papel do *status*, do sexo, da influência e do controle na determinação do espaço pessoal; a importância para a clínica do uso terapêutico do espaço.
2. *Espaço pessoal e cultural:* normas culturais e sua influência na alocação espacial; aculturação e diferenças culturais básicas no comportamento proxêmico; comparação de distâncias interpessoais em contextos sociais diferentes.
3. *O homem e seu ambiente espacial*: relações entre o tamanho das áreas urbanas e a estrutura espacial; o espaço no ajustamento do indivíduo à vidas das cidades, às relações de trabalho e numa rede de comunicações.

3. Posições teóricas

Alguns autores, embora lamentando a falta de um quadro teórico preciso na maioria das pesquisas, o que pode explicar "a confusão metodológica e conceitual existente", propõem a teoria de um *modelo de proximidade* (aproximar-se/ser aproximado). Bailey, Hartnett e Glover[4] julgam ser esse modelo um estratagema heurístico em pesquisa sobre a distância no comportamento humano.

A posição teórica de Argyle e Dean,[5] centrada sobre a comunicação, vê a distância interpessoal como um elemento da relação, e põe em relevo o papel do afeto no processo de equilíbrio psicológico. Sugerem esses autores, em sua *teoria do equilíbrio*, que, em toda interação social há conflitos afiliativos, sobrevindo um efeito compensatório quando há qualquer mudança na situação. Uma vez estabelecido entre os indivíduos um nível de intimidade pelo olhar, sorriso, etc., haverá pressão para manter esse nível, conquanto que o mesmo seja confortável ou apropriado. Não se trata realmente de uma teoria, mas de um modelo mais descritivo do que explicativo.

Em seu *modelo de proxêmica*, Hall estabelece quatro distâncias básicas na interação pessoal, tendo cada uma duas modalidades: elas vão da intimidade

[4] Proximity preferences. *The Journal of Psychology, 85*: 151-5, 1973.

[5] Argyle, M. & Dean, J. Eye contact, distance and affiliation. *Sociometry, 28* (3): 280-304, 1965.

próxima – onde a distância é nula – até a distância pública, passando pelas pessoal e social. Essas quatro distâncias básicas podem fornecer informações sobre os estados internos na interação, tanto os cognitivos como os afetivos.

Verifica-se, também, uma tendência a colocar o comportamento espacial em termos de grupo: toda situação social é espacial. A posição de Park, Burguess, Lecuyer, Altman e Sundstrom estriba-se no fato de que as relações espaciais e as sociais estão de tal maneira correlacionadas que um grupo estruturará sua disposição espacial de acordo com a estratificação social subjacente a esse grupo. Nessas considerações, entra a *hierarquia* em termos sociais (classes e castas) como uma importante variável na determinação do uso dos territórios.

A teoria de Nesbitt e Steven[6] está centrada, ao contrário, sobre uma situação sem comunicação, na qual a distância espontaneamente tomada por uma pessoa em relação a outra pessoa-objeto depende da quantidade de estímulos emitidos pelo objeto.

Em síntese, e de acordo com a opinião de R. Lecuyer,[7] pode-se distinguir quatro correntes no estudo do espaço pessoal: a primeira, centrada sobre a defesa instintiva do indivíduo; a segunda, que identifica a distância física como expressão da distância social; a terceira liga-se à teoria da aprendizagem social; e a quarta, centrada sobre a comunicação.

4. Metodologia

Diversos são os métodos utilizados pelos autores que se interessam pelo estudo da *proxêmica, distância interpessoal* ou *espaço pessoal*, podendo-se, não obstante, caracterizá-los, agrupando-os segundo as técnicas empregadas: situacionais ou comportamentais, figurativas ou simulatórias.

Os que preferem os métodos e técnicas situacionais estudam o comportamento proxêmico, a partir de comportamentos efetivos em situações concretas: ruas, parques, dormitórios, bibliotecas, estacionamentos, áreas de lazer . . . Outros, adotando métodos e técnicas de simulação, estudam o comportamento a partir de situações irreais, com o emprego de marionetes, desenhos, silhuetas, fotografias, atores e figuras de feltro no fundo de um quadro.

Para testar a validade dos diferentes métodos, os autores aplicaram diversas medidas de distância interpessoal, submetendo os resultados às técnicas estatísticas tradicionais de correlação, análise fatorial e outras.

Ao usarem questionários, entrevistas e técnicas projetivas, os investigadores levavam o indivíduo a explicitar suas opiniões, preconceitos e sentimentos na

[6] Nesbitt, P. D. & Steven G. Personal space and stimulus intensity. *Sociometry, 37*: 105-15, 1974.

[7] Lecuyer, R. Psychosociologie de l'espace. *Anée Psychol, 76*: 563-96, 1976.

percepção de seu ambiente espacial. As medidas físicas usadas em ambientes circunscritos tornavam mais fácil o registro do comportamento e levavam a uma representação mais objetiva da distância; em conseqüência, porém, conduziam a resultados díspares, não comparáveis diretamente.

As observações nos experimentos de laboratório sofrem as limitações impostas pela artificialidade implícita e pela falta de correlação com a realidade concreta. É importante notar, por exemplo, que as violações do espaço pessoal e os comportamentos conseqüentes podem depender de um conjunto de normas que diferem das geralmente encontradas nas pesquisas de laboratório.

Por outro lado, as observações *in situ,* sobre o terreno, ao tornarem difícil o controle das variáveis, certamente podem falsificar os resultados.

É verdade que, em muitas pesquisas, usaram-se medidas de espaço pessoal em diferentes situações físicas e sociais, cujos resultados confirmaram a hipótese de que a interação humana é afetada pelas condições sob as quais o homem vive.

Não obstante, as baixas correlações entre distância interpessoal e outras variáveis psicológicas interferem de modo negativo, constituindo, assim, um obstáculo ao maior progresso conceitual, tanto mais quanto é visível a deficiência de fundamentação teórica.

Alguns autores criticam a ênfase colocada na interpretação da relevância psicológica da tarefa, qualquer que seja o procedimento metodológico, ao invés de estar na interpretação e significação do fenômeno proxêmico, que constitui o cerne das pesquisas sobre o tema.

Outra crítica à maioria das pesquisas, crítica que julgamos procedente, é que elas tratam do assunto de maneira fragmentária, estudando apenas aspectos dos fenômenos do espaço pessoal, ao invés de focalizá-lo do ponto de vista sistêmico, no contexto sócio-cultural em que se inscreve. Reduzindo o espaço pessoal a uma única dimensão – distância interpessoal – os autores fragmentam o estudo, limitando-o a pequenas amostras de estudantes de psicologia. Assim, fracionando os estudos, os autores reduzem-lhe a fidedignidade pela tendenciosidade não controlada (envolvimento dos observadores com os componentes do grupo) e tornam discutível a validade das inferências feitas. Embora limpos e rebuscados do ponto de vista estatístico, têm desse modo dificultada a generalização de suas conclusões.

Maluf,[8] discorrendo sobre os métodos experimentais, faz grandes objeções aos experimentos em geral, cujos resultados, "envolvidos em sofisticadíssimas fórmulas estatístico-matemáticas e em rebuscadíssimas concepções de planejamento experimental, não têm utilidade prática, uma vez que não podem ser extrapolados dos muros do laboratório para o dia-a-dia do comportamento, e não podem ser generalizados para outros sujeitos, ainda que da mesma espécie". E conclui o citado autor: "*Os resultados dos estudos comportamentais modernos são muito*

[8] Maluf, U. Novo método para calcular a redundância estrutural em contextos naturais. *Construção de um autômato celular como algoritmo de geração de espaço pessoal.* Rio, ISOP/FINEP, 1978.

'desinfetados metodologicamente' para serem verdadeiros sobre o universo dos comportamentos."

Entretanto, em que pese a procedência das objeções e críticas, o já avultado número de pesquisas sobre o espaço pessoal representa valiosa contribuição ao esclarecimento e compreensão do fenômeno, mostra real preocupação com os parâmetros ambientais e sugere novos caminhos para elucidar os problemas de valor existentes no planejamento comportamental do espaço.

Este artigo apresenta uma informação sintética referente às investigações no domínio da proxêmica, tema da maior relevância no campo do comportamento humano, e que vem despertanto crescente interesse no meio científico do País.

Resulta ele do exame acurado da bibliografia pertinente, de modo particular nas revistas internacionais de psicologia e de sociologia encontradas nas instituições culturais do Estado do Rio.

É atividade que decorre do programa do Grupo de Estudos Ergonômicos e Cibernética (GEEC) do Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP) da Fundação Getulio Vargas (FGV). Inclui-se mais precisamente nas atividades de apoio ao projeto, em convênio com a Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), que o aludido grupo vem desenvolvendo a partir de abril do ano próximo passado.

O projeto, que se intitula Construção de um Autômato Celular como Algoritmo de Geração do Espaço Pessoal, tem como objetivo a elaboração de uma linguagem geral de configuração do espaço pessoal e visa a construir um módulo prático para o dimensionamento da proxêmica nas relações interpessoais.

Depois do levantamento bibliográfico, procedeu-se a uma análise crítica dos estudos e pesquisas realizadas sobre o comportamento numa situação proxêmica, com a valiosa colaboração das psicólogas Monique R. A. Augras e Glória Regina A. Ramos, integrantes da equipe do Projeto.

De sua leitura (limitada a 70 estudos sobre espaço pessoal entre os quase dois mil existentes), poderá o interessado fazer uma estimativa da importância desse novo campo de investigação.

5. Síntese das investigações

Servell, Alan F. & Heisler, James T. Personality correlates of proximity preferences. *The Journal of Psychology, 85*: 151-5, Sept. 1973.

Trata-se de um experimento cujo objetivo foi isolar ou identificar fatores de personalidade relacionados à proximidade, explorando as inter-relações entre essas variáveis. É certo que as acomodações espaciais entre grupos são altamente estruturadas pelas normas culturais. Contudo, mesmo dentro de culturas, freqüentemente há muita variabilidade no comportamento espacial dos indivíduos que inte-

ragem. Talvez os próprios interatuantes respondam por essa variabilidade intracultural. Mais precisamente: talvez as características de personalidade respondam ao menos por algumas dessas dissimilaridades no comportamento espacial.

Os autores realizaram este experimento com 35 jovens universitários entre 18 e 22 anos de idade reunidos numa sala retangular, onde havia um entrevistador que era a mesma pessoa para todos os sujeitos. As conclusões deste estudo revelam que as pessoas que obtiveram o mais alto escore na escala de *exibição*, pessoas extrovertidas, tendiam a aproximar-se mais intimamente do entrevistador, o que está em conformidade com as conclusões de outras pesquisas sobre personalidade e proximidade.

Gottheil, E.; Corey, J. & Paredes, A. Psychological and psysical dimensions of personal space. *The Journal of Psychology, 69*: 7-9, 1968.

O objetivo deste estudo foi testar diretamente o grau de correspondência entre a distância psicológica dos sujeitos (15 mulheres solteiras, estudantes de universidade, e 22 mulheres solteiras, empregadas em um hospital, entre 18 e 45 anos de idade) em relação a um entrevistador, medida por um teste projetivo, e a distância física do entrevistador mantida pelos sujeitos numa situação de entrevista.

Os dados desta investigação comprovam a posição teórica de Little, na qual a distância psicológica medida por uma técnica projetiva relaciona-se com o comportamento aberto em interação real. Quando o sujeito sente-se mais íntimo de um entrevistador, ele mantém menor distância física desse entrevistador durante a entrevista.

Coutts, Larry M. & Ledden, M. Nonverbal compensatory reactions to changes in interpersonal proximity. *The Journal of Social Psychology, 102*: 283-90, 1977.

A investigação realizada pelos autores baseia-se no pressuposto de que, na interação social, tanto as forças de aproximação como as de afastamento implicam comportamentos não verbais, cujas dimensões incluem sorriso, olhar atento, fixo, distância interpessoal e postura corporal.

Teve a referida investigação o objetivo de verificar a viabilidade do processo compensatório para manter o equilíbrio, quando certo comportamento afetivo determina mudanças na intimidade interpessoal.

De modo geral, os resultados confirmaram as predições da teoria de Argyle e Dean sobre o conflito afiliativo, implícito em toda interação inicial; qualquer mudança na situação suscitará um efeito compensatório. Por exemplo, um incremento ou decréscimo de uma proximidade iniciada por um membro de uma díada efetuará uma alteração compensatória em um ou mais dos comportamentos aproximativos do outro membro.

Em termos das dinâmicas da teoria do conflito afiliativo, tais reações compensatórias podem ser interpretadas como tentativa da parte dos sujeitos de restabelecer o nível prévio de intimidade.

Guardo, Carol J. Personal space, sex differences, and interpersonal attaction. *The Journal of Psychology, 92*: 9-14, 1976.

O presente estudo tem dois objetivos: a) examinar os padrões de espaço pessoal de crianças em novas e diversas situações interpessoais; b) examinar as diferenças de um e outro sexo nos padrões do espaço pessoal dessas crianças.

A autora considerou as qualidades pessoais específicas atribuídas aos objetos dos companheiros que estavam em interação, pressupondo que as características atrativas induziriam à aproximação, ao passo que as características interpessoais não atrativas levariam ao afastamento.

Este experimento, no qual o espaço pessoal era apresentado sob a forma de um livrinho de texto, foi realizado numa escola primária, em 25 meninas do 6.º grau escolar.

Tanto os meninos como as meninas ficavam menos distantes dos colegas do mesmo sexo que eram preeminentes, felizes, inteligentes e corretos; e se distanciavam mais daqueles que eram oportunistas e apreensivos. Os meninos se aproximavam mais do que as meninas dos colegas descritos como rigorosos e afirmativos e as meninas entravam em contato direto com os colegas compassivos e mansos, distanciando-se dos fleugmáticos. Os resultados, complementando os dados achados em prévias pesquisas sobre o mesmo tema, sugerem que o sexo do sujeito é um determinante ponderável do esquema interpessoal.

Patterson, Miles L. Interpersonal distance, affect and equilibrium theory. *The Journal of Social Psychology, 101*: 205-14, 1977.

O propósito desses estudos – no laboratório e no campo – é fazer um exame mais compreensivo de teoria do equilíbrio, mediante a manipulação do conforto subjetivo ou bem-estar dos sujeitos em termos de proximidade interpessoal em uma interação.

A teoria do equilíbrio de Argyle e Dean sugere que, em uma interação social, comportamentos como distância interpessoal, o olhar, o sorriso e outros comportamentos afiliativos servem para exprimir *intimidade*.

Uma vez estabelecido um nível de intimidade entre os indivíduos, haverá pressão para manter esse nível, conquanto que seja confortável ou apropriado. Mudanças subseqüentes em um ou mais dos componentes da intimidade devem gerar reações compensatórias para restaurar o equilíbrio abalado.

Basearam-se os autores na hipótese de que as variações em distância interacionadas – suficiente para elicitar um marginal reconhecimento subjetivo de desconforto – deverão produzir reações compensatórias.

Os resultados dos dois métodos empregados representam apreciável contribuição à teoria do equilíbrio, reforçando a posição teórica de Argyle e Dean.

Baxter, James & Deanovich, B. F. Anxiety Arousing efects of inapropriate Crowding. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 35*, (2): 174-8, 1970.

Os autores, apoiando-se na afirmativa de que, sob condições de aglomeração, pode ocorrer progressiva deterioração na qualidade do comportamento, e que as pessoas envolvidas são, portanto, submetidas a um significativo grau de *stress*, realizaram um experimento cujo objetivo foi avaliar a ansiedade gerada pela aglomeração em uma situação simulada de percepção pessoal.

Esperava-se que os sujeitos mais ansiosos, pela aglomeração nesta situação experimental, tenderiam a externar seu desconforto ao atribuir maior disforia às figuras de bonecas que lhe foram apresentadas numa tarefa de projeção temática.

Os resultados confirmaram haver relação entre aglomeração e o despertar da ansiedade. No entanto, há necessidade de examinar essa relação sob condições mais extensas e ocorrentes, a fim de observar o nível de disforia presumivelmente subjacente aos fenômenos sócio-pessoais aos quais ela está relacionada. A medida de ansiedade revelou-se como uma medida sensível que varia com as condições experimentais de aglomeração.

Fisher, D. J. e Byrne D. Too close for comfort: sex differences in response to invasions of personal spaces. *Journal of Personality and Social Psychology, 32* (1): 15-21, 1975.

Trata-se de pesquisa cujo objetivo foi determinar as conseqüências afetivas das invasões do espaço pessoal.

Basearam-se os autores no pressuposto de que é inadequado o uso exclusivo de condições físicas para predizer uma resposta comportamental aos estímulos do ambiente; é a reação psicológica ao ambiente, múltipla e determinada, que funciona como mediadora de respostas comportamentais.

Assim, quando uma situação específica – *stress* – é introduzida, forças ambientais preexistentes podem ser magnificadas por aquelas reações na situação. Nesta pesquisa, verificou-se que o resultado afetivo de uma invasão é mais negativo quando o invasor é do sexo oposto, o que se pode também atribuir ao processo de socialização.

As conclusões indicam que uma variável, tão subjetiva como o sexo, pode agir em conjunção com algumas condições físicas objetivas, tais como distância e

posição, para determinar a percepção do ambiente. Há diferenças sexuais sensíveis quanto às reações do *self* aos outros e à posição espacial; surgem problemas quanto ao significado competitivo e afiliativo de tal posição que devem ser objeto de pesquisas subseqüentes.

Newman II, R. & Pollack, Donald. Proxemics in adolescents. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 40* (1): 6-8, 1973.

O presente estudo investiga a área proxêmica e o aspecto proxêmico entre adolescentes desajustados e normais, baseando-se em duas hipóteses: a) a primeira postula que a área proxêmica é maior em adolescentes desajustados do que nos normais; b) a segunda postula que a distância proxêmica incrementa da parte anterior para a posterior.

Os adolescentes desajustados caracterizam-se pela sua hostilidade às autoridades, agressividade física, por serem perturbadores da ordem na classe e destruidores da propriedade dos outros. A distância proxêmica era definida como a distância linear de um dos aspectos do sujeito (frente, costas, lados esquerdo e direito) ao examinador. É típico de pesquisas em proxêmica o fato de o examinador travar conhecimentos com os componentes do grupo. Este fato é inevitável e ocorreu neste estudo, por isso é conveniente que, em futuras pesquisas, se procure controlar essa fonte de tendenciosidade, investigando ao mesmo tempo os aspectos desenvolvimentais da proxêmica. É provável que diferentes grupos de idade utilizem certos preconceitos (raça, odor) no estabelecimento de relações interpessoais. É ainda interessante que se determinem as mudanças desenvolvimentais também em normais e em outros grupos, tais como de cegos ou surdos.

Polit, Denise & Safrance, M. Sex differences in reaction to spatial invasion. *The Journal of Social Psychology, 102*: 59-60, 1977.

Este estudo representa uma tentativa de esclarecer a natureza das diferenças dos respectivos sexos no que concerne à reação à invasão do espaço pessoal, baseando-se na seguinte hipótese: como resposta à invasão do espaço pessoal, as mulheres retraem-se ou esquivam-se mais do que os homens. Foi realizado um experimento de campo em 120 estudantes de colégio americano, de um e outro sexo, a fim de testar o efeito de duas variáveis independentes na invasão do espaço pessoal.

Os resultados sugerem que os homens e mulheres americanas respondem diferentemente à invasão do espaço pessoal e indicam que o comportamento espacial é, antes, um fenômeno interpessoal do que um fenômeno centrado exclusivamente numa pessoa.

Buchanan, D. R.; Juhnke, R.; Goldman M. Violation of personal space as a function of sex. *The Journal of Social Psychology, 99*: 187-92, 1976.

No presente estudo, os autores submeteram 215 sujeitos a condições experimentais que lhes permitissem fazer uma opção entre violar ou não violar o espaço pessoal de outros.

Confinados dentro de um elevador de um edifício de escritórios comerciais, os sujeitos eram observados quanto às suas preferências pelo lado direito ou pelo lado esquerdo do pavimento, a fim de chegar a seu destino.

Os resultados comprovaram a afirmativa de que os homens ocupam zonas maiores de espaço pessoal do que as mulheres, como também a de que eles sentem mais aversão às invasões de seu espaço pessoal.

Estudos mais acurados indicam que muitos e complexos fatores estão envolvidos e que há forte tendência a evitar as violações do espaço pessoal.

Horowitz, Mardi J. Human spatial behavior. *American Journal of Psychotherapy, 19* (1): 20-8, 1965.

Neste artigo, o autor descreve as experiências realizadas em pacientes esquizofrênicos, e discute o comportamento espacial com particular referência ao espaço pessoal de zonas *portáteis* do corpo em transações interpessoais.

Os objetivos visavam ao uso terapêutico do espaço, pondo em relevo a importância que tem para a clínica a observação dos sentimentos do paciente sobre o espaço, especialmente com respeito à sua proximidade de outros. Usando grupo de pacientes esquizofrênicos e grupo de voluntários não esquizofrênicos, o autor chegou à conclusão de que o espaço pode ser manipulado tanto em terapia de grupo como nas interações individuais. O terapeuta pode levar o grupo a estabelecer nova configuração espacial, o que exercerá um extraordinário efeito no sentido de pressionar os componentes do grupo para atividades saudáveis.

Pedersen, Darhl, M. Personality and demografic correlates of simulated personel space. *The Journal of Psychology, 85* (1): 101-8, 1973.

O propósito deste estudo foi achar uma correlação entre fatores da personalidade e aspectos demográficos em um espaço pessoal simulado.

Foram usados nove instrumentos (questionários, escalas, desenhos de figura humana) para, assim, cobrir um número tão abrangente quanto possível de variáveis importantes na interação interpessoal. Numa tabela, o autor expõe as médias e os desvios-padrões das variáveis de personalidade e demográfica e suas correlações com o espaço pessoal. Embora as magnitudes das correlações não sejam muito

significativas, apresentam contudo um perfil consistente do tipo de pessoa que em geral tem um pequeno espaço pessoal circundante.

Ulterior pesquisa com variáveis que preencham as síndromes descritas deve intensificar a compreensão dos determinantes da personalidade no que concerne ao espaço pessoal.

Kent G. Bailey; Hartnett & Glover. Modeling and personal space behavior in children. *The Journal of Psychology, 85*: 143-50, sept. 1973.

Os autores conceberam uma teoria de um modelo de proximidade, pois chegaram à conclusão de que essa teoria é um instrumento conceitual viável e um estratagema heurístico em pesquisa sobre a distância no comportamento humano. Os autores realizaram um experimento para explorar os efeitos do referido modelo no comportamento de crianças quanto ao espaço pessoal, com o estudo da variável *aproximar-se/ser aproximado*. Distribuíram 102 crianças da 5.ª e 6.ª séries de escolas públicas, de igual número quanto ao sexo, em três grupos: a) modelo de curta distância; b) modelo de maior distância; c) grupo de controle (não sujeito a nenhum modelo). Em cada um dos grupos, um menino considerado o mais popular servia como modelo e uma sra. psicóloga servia como uma pessoa-objeto. Os resultados sugerem que o modelo tinha efeito atenuante nas diferenças sexuais no uso do espaço.

Edney, Julian J.; Walker, Carol A. & Jordan, Nancy L. Is there reactance in personal space? *The Journal of Social Psychology, 100*: 207-17, 1976.

Neste estudo, exploram-se as relações entre os fatores psicológicos de controle, de segurança e liberdade no que concerne às reações das pessoas às restrições no espaço.

Tanto a primeira como a segunda experiência envolveram a idéia de que uma pessoa pode requerer menos espaço pessoal do que a distância interpessoal disponível entre ela e seus vizinhos. Os autores estabelecem distinção entre distância interpessoal e espaço pessoal, e definem reatância como a resposta expansiva e livre que uma pessoa dá, quando ela sente que sua liberdade está sendo indevidamente limitada.

Os experimentos foram realizados numa praia em Connecticut, durante seis semanas, com o emprego de observações e entrevistas, e em laboratório, a fim de reduzir as influências estranhas, estabelecendo-se a distância interpessoal como variável independente e espaço pessoal como variável dependente.

Em ambos os experimentos, ocorreram os elementos de interesse primordial (distância interpessoal, espaço pessoal, avaliações subjetivas de controle, liberdade e segurança).

Concluíram os autores que se verifica no espaço pessoal o fenômeno da reatância, mas que essa variável interveniente deve ser mais controlada do que liberdade.

Skolnick, P.; Frasier, L. & Hadar, I. Do you speak strangers? A study of invasion of personal space. *European Journal of Social Psychology, 1* (3): 375-81, 1977.

A presente investigação testa a hipótese de que as mulheres, mais do que os homens, esperam que seu espaço pessoal seja violado, e portanto, reagem de forma menos intensa a essas invasões. Prediz-se que: a) os homens terão reações mais negativas que as mulheres às invasões; b) as pessoas em geral atribuem à invasão uma intenção de caráter sexual, quando esta é feita por pessoas do sexo oposto.

Também é esperado que as invasões do espaço de homens por mulheres sejam menos aceitas do que as opostas.

Os sujeitos foram 96 banhistas nas praias de Los Angeles. Foram treinados invasores e observadores.

Os resultados mostraram que 27% das pessoas se sentiam incomodadas pela invasão; outros 27% tiveram reações positivas e 44% não demonstraram nenhuma forma de reação. Análise mais apurada revelou que havia predominância de reações negativas aos invasores em todas as condições, exceto quando homens invadiam o espaço de mulheres. A análise através de χ^2 (qui quadrado) confirmou que as reações à situação acima eram significativamente mais positivas do que em qualquer outra condição. O autor considera que os resultados obtidos sugerem que os efeitos da invasão do espaço dependem do sexo tanto do invasor quanto do sujeito. Sua hipótese foi confirmada, mas restaria ainda, segundo ele, determinar o porque e em quais circunstâncias as mulheres são mais permissivas que os homens: seria por causa de seu baixo *status* na sociedade ou porque elas são mais sociáveis e emocionalmente abertas do que os homens?

Iwata, O. Factors in the perception of crowding. *Japanese Psychological Research, 16* (2): 65-70, July 1974.

Um estudo foi feito, por meio de questionário, para examinar o efeito da familiaridade, etinicidade, sexo, idade e *status* social de pessoas com quem indivíduos partilham um espaço dado, na percepção de multidões.

Cinqüenta homens e 50 mulheres americanos de origem japonesa, nascidos e criados nos EUA, foram os sujeitos; 47 homens e 47 mulheres *caucasianos* também participaram desse estudo. A familiaridade e o *status* social foram significantes para a percepção da multidão, independentes de raça e sexo. O sexo foi significante somente para as mulheres.

A idade pareceu também afetar a percepção de multidões.

Borchelt, Diane J. The relationship of several nonverbal behaviors to psychological distance. *Dissertation Abstracts International, 34* (1-B): 406, July 1973.

Este estudo pretente investigar a relação entre diversos tipos de comportamento não verbal (gestos, *fidgeting*, movimentos de conforto, congruência corporal, postura, e contato do olhar) e a experiência subjetiva de distância psicológica.

São levantadas duas hipóteses:

1. A distância psicológica é inversamente relacionada à congruência corporal, contato do olhar e *body lean* existente entre duas pessoas; ou seja, quanto menor for a distância que os sujeitos atribuem a eles próprios em relação ao outro, maior a ocorrência de "congruência corporal" e contato do olhar, e mais seus corpos se inclinarão um em direção ao outro.
2. Os amigos exibem comportamentos mais próximos do que os estranhos.

Os sujeitos se distribuíram em dois grupos, cada um composto de 20 díades. Em um grupo, as díades foram organizadas de forma que os sujeitos fossem amigos, e no outro as díades eram como estranhos. Dez díades de cada grupo tinham sujeitos masculinos, enquanto as outras dez eram compostas de sujeitos femininos.

Os sujeitos discutiram sobre aborto e reformas referentes ao aborto. Durante cada discussão a interação era filmada (vídeo e áudio).

Depois da discussão o filme era passado para os sujeitos, e pedia-se que eles recapitulassem suas emoções o máximo possível. Num determinado momento, pedia-se que eles estimassem a distância subjetiva momentânea em relação ao par. As estimativas eram feitas, usando-se uma escala de distância psicológica de cinco pontos.

Nenhuma das hipóteses chegou a ser confirmada. A análise da primeira hipótese não levou a nenhum efeito significativo. Na segunda hipótese, somente o efeito de medidas foi significativo.

Powell, P. H. & Dabbs, F. M. Jr. Physical attractiveness and personal space. *The Journal of Social Psychology, 100* (1): 59-64, Oct. 1976.

Experimentos em laboratório e numa calçada examinaram a influência do sexo e atração física na determinação da distância interpessoal.

No laboratório, 30 homens e mulheres – estudantes universitários – aproximavam-se de *posters* mostrando pessoas atraentes e não atraentes. A distância sujeito-*poster* foi medida. Na rua, um homem ou uma mulher, atraente e não atraente, entrevistavam 102 homens e mulheres que passavam pelo local. A distância entrevistador-sujeito foi registrada por uma câmara.

No laboratório, os sujeitos se aproximavam mais dos *posters* atraentes, enquanto na rua a atração não teve nenhum efeito significativo.

Buchanan, D. R.; Goldman, M. & Juhnke, R. Eye contact, sex, and the violations of personal space. *The Journal of Social Psychology, 103* (1): 19-26, Oct. 1977.

Num elevador público de um prédio de escritórios no centro da cidade, três experimentos examinaram as relações entre graus variáveis de contato do olhar, sexo dos participantes e violação do espaço pessoal. O primeiro forçava os sujeitos (86 homens e 61 mulheres) a violar o espaço pessoal de dois homens ou duas mulheres (CS) que olhavam fixamente os sujeitos quando estes entravam no elevador. Os resultados indicaram que os homens decidiam invadir o espaço pessoal do experimentador (C), independente de qual fosse o seu sexo, enquanto as mulheres só o faziam com outras mulheres.

No segundo, os sujeitos (68 homens e 44 mulheres) eram novamente forçados a violar o espaço pessoal de dois experimentadores (CS) do mesmo sexo. Em cada uma das duas condições um dos CS desviava o olhar do sujeito que entrava no elevador, enquanto o outro evitava qualquer possibilidade de olhá-lo. Os sujeitos escolheram invadir o espaço pessoal desses últimos, sem estar esta escolha relacionada ao sexo dos participantes.

O terceiro experimento forçou os sujeitos (26 homens e 28 mulheres) a escolher entre violar o espaço pessoal de um experimentador homem ou mulher. Ambos olhavam fixamente os sujeitos. Os homens não mostravam preferência na escolha, enquanto as mulheres preferiam invadir o espaço pessoal de outras mulheres.

Welsh, Warren J. Attitude similarity and interpersonal distance: a study of the response generalization of byrne's law of atraction. *Dissertation Abstracts International, 34* (3-B): 886, 1973.

A presente pesquisa procura evidências para a generalização de similaridade de atitude-relacionamento de atração (para sujeitos de ambos os sexos e para dois modos diferentes de apresentação de atitudes) para comportamentos não-verbais designados para medir distância interpessoal.

Os dados obtidos não evidenciaram nada a favor da generalização da relação entre o comportamento não verbal e medidas de distância interpessoal.

Schwarzwald, J. Kavish, N. Shoam, M. & Waysman, M. Fear and sex similarity as determinants of personal space. *The Journal of Psychology, 96* (part 1): 55-63, May 1977.

Segundo o autor, o espaço pessoal pode ser usado como uma medida efetiva do comportamento social de sujeitos.

Tentando estender os poucos conceitos existentes acerca do assunto, pretende investigar como o estabelecimento do espaço se relaciona com estados emocionais.

Levanta então a hipótese, de acordo com a teoria de Festinger, de que o estado de medo tenderia a aproximar fisicamente as pessoas do mesmo sexo, mais do que as de sexo diferente. Este fenômeno, segundo ele, não seria de se esperar em outras condições, a não ser em situações elicitadoras do medo.

Sua amostra foi de 80 homens e mulheres, estudantes universitários.

Foi claramente demonstrado que, sob condições de medo, o espaço pessoal diminui, e somente com pessoas do mesmo sexo.

Spielman, Rima R. Identity and interpersonal distance. *Dissertation Abstracts International, 34* (1-A): 416-17, July 1973.

O propósito geral deste estudo foi o de explorar as influências de variáveis organísmicas como raça, sexo e condições de alta densidade no lar, tanto na forma como estas operam independentemente como em conjunto umas com as outras para influenciar a distância física interpessoal.

Foi utilizada a "técnica da boneca" (*doll placement*) com sujeitos de quatro anos de idade, numa situação simulada de interação diádica.

As sete hipóteses levantadas relativas à distância interpessoal mediram dois aspectos deste fenômeno: a média da distância e a variabilidade na distância. Sugere o presente estudo que uma das variáveis cruciais do processo seria o grau de privação cultural na comunidade.

Baum, A. & Greenberg, C. I. Waiting for a crowd: the behavioral and preceptual effects of anticipated crowding. *Journal of Personality and Social Psychology, 32* (4): 671-9, Oct. 1975.

Foi feito um experimento no qual os sujeitos, 40 homens e 40 mulheres, estudantes universitários, foram convencidos de que iriam participar de uma determinada atividade em um grupo grande, o qual estava por se formar.

Hipótese: a expectativa e antecipação do fato influenciariam as percepções do ambiente experimental, do afeto interpessoal e proporcionariam desconforto.

Observadores treinados anotavam as posturas adotadas pelos sujeitos, bem como expressões faciais e a posição e o lugar em que se sentavam. Também um questionário foi aplicado, relacionado aos níveis de desconforto sentidos, a percepção do local do experimento, incluindo também uma avaliação dos entrevistadores.

As predições foram corretas: os sujeitos escolhiam posições mais isoladas, evitavam o contato com outros, etc. Com base nesses resultados, os autores concluem que se alguém sabe que vai estar num ambiente superlotado e de grande

atividade social provavelmente desejará evitar ou desencorajar a interação com outras pessoas.

Vanderveer, Richard Brent. Privacy and the use of personal space. *Dissertation Abstracts International, 34* (6-B): 2915-6, Dec. 1973.

O estudo pretende investigar as relações entre variáveis individuais e situacionais e o uso do espaço pessoal. Tenta determinar que efeitos as variáveis personalógicas de extroversão, neuroticismo e socialização teriam em quatro diferentes padrões de comportamento.

Os sujeitos foram 459 homens e mulheres universitários. Responderam a questionários, indicando se eles se sentariam numa sala, sala de aula, sala de descanso ou biblioteca. Cada sujeito completou o questionário no sentido de preferirem um local cheio (de pessoas) ou não. Foram também aplicados dois testes de personalidade.

Os resultados indicaram que em lugares cheios os indivíduos procuravam se refugiar em algum canto. Isso para todos os tipos de padrão de comportamento. A relação entre as variáveis personalógicas e o uso do espaço mostrou-se bastante complexa. Houve uma tendência de os indivíduos menos sociais, menos extrovertidos e mais neuróticos escolherem locais privados.

Greenberg, C. I. & Firestone, I. J. Compensatory responses to crowding: effects of personal space intrusion and privacy reduction. *Journal of Personality and Social Psychology, 35* (9): 637-44, Sept. 1977.

Seguindo o modelo de Altman, levantou-se a hipótese de que a invasão do espaço pessoal por um entrevistador, a redução da privacidade por pessoas inesperadas e a restrição do isolamento gerariam respostas compensatórias, tais como o aumento da percepção da situação e maior freqüência de comportamentos de retirada, visando a amenizar o *stress* causado pelas multidões.

A multidão aí é vista como um excesso de estimulação social que instigaria uma variedade de respostas de afastamento e isolamento.

Foram manipuladas as variáveis intrusão, local de assento e vigilância em 128 sujeitos, entrevistados sob a presença ou ausência das condições acima.

Foram examinados tanto comportamentos verbais como não-verbais, por meio inclusive de vídeo-teipes.

Após a entrevista os sujeitos respondiam a um questionário referente à hipótese testada. Os resultados a confirmaram. Além disso descobriu-se que uma outra variável, a vigilância, parece funcionar como um fator aditivo e independente no estabelecimento do *stress* e indução à percepção de multidões.

Fieri, Augustine A. Inaterage perception: an analysis of how elderly and young people perceive themselves and each other with regard to evaluative attitudes toward human life. *Dissertation Abstracts International, 34* (11-A): 7057-8, May 1974.

O propósito desta investigação foi o de examinar percepções intergrupais entre indivíduos mais velhos (de 65 anos para cima) e mais novos (15-19 anos), em relação a atitudes de avaliação da vida humana. Baseava-se na hipótese de que cada um desses dois grupos, ao fazer a sua avaliação, julgava erradamente o outro. Adicionalmente, foram levantadas questões sobre se existiriam diferenças entre o ponto de vista de um grupo urbano e de um rural, em relação ao mesmo tema.

Com referência à primeira hipótese, os resultados a confirmaram em parte: os mais jovens não percebem os mais velhos tal como estes próprios se vêem, porém o contrário não foi verificado, isto é, os mais velhos encaram os jovens tal como estes a si mesmos. Uma diferença significativa foi observada na percepção do grupo mais velho, entre rurais e urbanos, diferença esta que não se evidenciou entre os mais jovens.

Russo, Nancy Felipe. Eye contact, interpersonal distance, and the equilibrium theory. *Journal of Personality and Social Psychology, 31-33*: 497-501, 1975.

A autora estuda a relação entre intimidade e demora do olhar em crianças, mediante um experimento baseado na teoria de Argyle, que postula haver um acréscimo concomitante dessas duas variáveis. Os resultados mostraram haver diferenças significativas entre sexos, havendo maior demora do olhar em meninas do que em meninos, o que Argyle atribuiria ao maior enfoque dado à *afeição* na educação das meninas. No entanto, a hipótese fundamental de Argyle não pôde ser verificada, o que a autora considera como devido à complexidade dos fatores que intervêm no relacionamento.

O artigo enquadra-se nos estudos sobre "comportamento proxêmico da criança", e parece típico daquele tipo de experimento muito bem feito, com todas as variáveis devidamente identificadas e controladas, mas cuja contribuição aos conhecimentos em psicologia não aparece com a mesma nitidez.

Dabbs, J. Jr.; Fuller, J. P. H. & Carr, T. S. *Personal space when "cornered": students and prison inmates*. American Psychological Association, 1973. p. 213-14 (Proceedings of the 81 st. Annual Convention, v. 8).

Diferentemente de estudos anteriores, em que o espaço pessoal era avaliado apenas em termos de distância física, o presente estudo considera medidas de espaço pessoal tomadas em diferentes condições sociais e físicas. Foram realizados dois

estudos e avaliadas as respostas das duas populações (estudantes e presos) às várias condições de medida. Os achados desse estudo confirmam a hipótese de que a interação humana é afetada pelas condições sob as quais o homem vive e mostram que as medidas podem ser afetadas por diferenças nas situações e pelas interações entre essas situações e outras variáveis.

Hartnett, J. I.; Bayley, K. G. & Hartley, C. S. Body height, position and sex as determinants of personal space. *The Journal of Psychology, 87*: 129-36, 1974.

Os autores procuram verificar as seguintes hipóteses: as pessoas se aproximam mais das pessoas baixas do que das altas, e mais das sentadas do que das em pé; as pessoas altas se aproximam mais das altas do que as baixas o fazem, e as mulheres mantêm maior distância das pessoas altas.

O experimento, realizado com 84 estudantes de psicologia confirmou plenamente os pressupostos dos autores. Estes discorrem sobre a variável "atração sexual" (desprezando os aspectos de *status* social de cada sexo); os controles do experimento parecem muito bem armados, e os resultados podem ser utilizados de modo prático em termos de estudos posturais e de relacionamento não verbal (teatro).

Dean, Larry; Pugh, W. & Gunderson, E. Spatial and perceptual components of crowding; effects on health and satisfaction. *Environment and Behavior; 7* (2): 225-36; June 1975.

Este estudo teve como propósito diferenciar componentes perceptuais e espaciais da aglomeração e relacioná-los a critérios comportamentais. Os sujeitos foram 938 homens alistados na Marinha, distribuídos em 13 navios. Responderam a um questionário que incluía uma seção com a descrição das "condições de habitação" e de trabalho no navio. Baseadas nas respostas dos sujeitos ao questionário, duas medidas de aglomeração foram isoladas: o tamanho físico de uma área e o número de pessoas na área. Essas medidas foram correlacionadas com os seguintes critérios: grau de doença; freqüência de acidentes; satisfação no trabalho; satisfação com as condições de moradia; intenções de permanecer na Marinha e percepção de cooperação interdepartamental.

No primeiro estágio de análise dos resultados, a aglomeração parecia ter importante efeito na satisfação com as condições de vida, satisfação no trabalho e até com a intenção de permanecer ou não na Marinha. Mas ao se reduzir as medidas de aglomeração para componentes específicos (situação, importância e componente residual), a maioria das correlações com a satisfação habitacional deveu-se ao componente residual (diferenças residuais), indicando que a satisfação com as condições de vida eram amplamente determinadas por diferenças individuais na percepção do ambiente.

Os resultados sugerem que existem múltiplas fontes de satisfação e também variações no seu nível. Aparentemente, o impacto que a aglomeração tem sobre a satisfação é função de diferenças perceptuais e de necessidades individuais mais do que uma simples resposta ao ambiente físico.

Abrahamson, Mark. Norms, deviance, and spatial location. *The Journal of Social Psychology, 80*: 95-101, 1970.

Certas posições espaciais são freqüentemente associadas com postos sociais altos, tais como liderança, popularidade ou prestígio. Porém, desde que Park e Burguess postularam a premissa de que "as relações sociais são . . . inevitavelmente correlacionadas com as relações espaciais", surgiu o interesse pela causalidade envolvida na questão: são os arranjos espaciais que geram postos sociais ou aqueles simplesmente refletem estes?

Este estudo pretende investigar esta problemática, focalizando especialmente o papel da locação espacial numa rede de comunicação. Examina os efeitos da posição central de um indivíduo num grupo, em termos de influências e controle. Foram formados grupos de quatro sujeitos, de uma amostra de 200 estudantes universitários.

As variáveis *influência* e *controle*, medidas da liderança, foram devidamente operacionalizadas. Os grupos de controle e os experimentais eram não-normativos.

Os resultados mostraram que os que ocupavam a posição central foram líderes influentes somente quando a centralidade foi normativamente imposta.

Quando as normas estavam ausentes e os membros estruturalmente livres para interagir, os incumbidos da posição central foram muito participantes e tidos como ponto de referência, mas não líderes influentes.

Estes resultados foram interpretados como indicativos de que a tendência geral é serem os arranjos espaciais de muito peso no molde das relações sociais, do ponto de vista da interação.

Mazur, Allan. Interpersonal spacing on public benches in "contact" *versus* "non contact" cultures *The Journal of Social Psychology, 101*: 53-58, Feb. 1977.

O objetivo deste estudo foi testar a hipótese de que pessoas de culturas *de contato* (como as do sul da Europa e países árabes) mantêm contato interpessoal mais próximo do que pessoas de culturas *de não-contato* (como as do norte da Europa e América). Essa hipótese foi testada comparando-se o comportamento espacial entre pares de homens (não-avisados) sentados em bancos públicos na Espanha ($n = 26$), Marrocos ($n = 25$) e Estados Unidos. Os pares nos EUA usualmente se sentavam mais perto que os de Espanha ou Marrocos, apesar de algumas das diferenças observadas se deverem a diferenças no tamanho e forma dos bancos em cada país.

Os dados coletados aqui são consistentes com a hipótese de que, dadas certas condições físicas, o padrão de comportamento espacial de estrangeiros em não-interação é similar entre as culturas.

Método: os pares sentados em bancos de parques públicos foram fotografados com o intuito de se determinar a distância entre eles. As observações foram feitas em dias de trabalho normal, durante o dia.

"O espaço entre duas pessoas é tido como função de: sexo, composição racial do par e grau de conhecimento." Essas variáveis foram eliminadas, limitando-se o estudo a sujeitos masculinos, desconhecidos e sem diferenças raciais óbvias.

Jones Stanley, E. A Comparative proxemics analysis of dyadic interaction in selected subcultures of New York City. *The Journal of Social Psychology, 84*: 35-44, 1971.

O propósito deste estudo foi o de investigar diferenças subculturais e sexuais no comportamento de orientação espacial.

Foram observados pares de adultos provenientes de subculturas, em interação social nas ruas públicas de Nova Iorque. Juízes treinados estimaram a distância interpessoal e a posição dos ombros de cada par. Observou-se que as mulheres eram mais diretas na orientação dos ombros que os homens.

A distância interpessoal foi praticamente similar em todas as subculturas existentes, o que sugere que a estruturação do espaço interpessoal é homogênea dentro de um mesmo grupo.

Lécuyer, R. Relations sociales, lieu et distance interpersonnelle. *Bulletin du CERP. 22*: 213-39, 1973/74.

Trata-se de uma experiência complexa em condições espaciais simuladas, nas quais, por meio de maquetes, os sujeitos construíram o espaço onde situaram a relação com um companheiro imaginário em função de seu *status* social, do sexo, do grau de intimidade e do lugar de encontros (na casa do sujeito ou na de seu companheiro).

A experiência teve como objetivo: a) comparar as distâncias interpessoais em contextos sociais diferentes, com um método de simulação; b) o contexto da relação social e também espacial.

O material proposto aos 142 sujeitos voluntários, todos do sexo feminino, consta de duas séries de cartões, uma representando as salas, e a outra, os móveis. Este material foi previamente testado, o que, validando-o, mostrou também que o caráter abstrato do material oferecia a oportunidade de os sujeitos darem livre expressão à sua imaginação quanto ao estilo de escolha, o que constitui elemento favorável à boa marcha da experiência.

Das observações realizadas deduz-se que:

1. A situação social do companheiro exerce influência apreciável sobre a categoria do lugar produzido e a distância interpessoal.
2. A simpatia do companheiro também exerce apreciável influência sobre o atrativo do lugar e a distância interpessoal.
3. O sexo do companheiro tem pouca influência sobre os resultados.
4. O lugar onde se desenvolve a interação não tem influência sobre a distância interpessoal.

Brashen, Menry M. The Effects of counterattitudinal role playing, passive participation, and two variations of personal space upon attitude change among japanese. *Dissertation Abstracts International, 34* (5-A): 2798-9, Nov. 1973.

Este estudo examinou o grau de generalização possível das teorias do espaço pessoal e jogo do papel sobre a mudança de atitude em outra cultura.

Foi realizado um experimento no qual a variável não-verbal – espaço pessoal – foi testada com uma variável verbal – o papel.

Proveu informações sobre técnicas de medida e experimentais na cultura japonesa.

Espaço pessoal foi definido como a distância física, em polegadas e pés, que os participantes mantinham entre si.

Dentro do que o estudo se propôs, os resultados não foram significativos. Descobriu-se, porém, que os estudantes japoneses não fazem nenhuma diferenciação entre espaço pessoal e espaço íntimo, em termos de distância. Por isso, recomenda que, para se testar os efeitos do espaço pessoal numa cultura estranha, este deve ser determinado e definido na própria cultura a ser estudada.

Thayer, Stephen & Alban, Lewis. A Field experiment on the effect of political and cultural factors on the use of personal space. *The Journal of Social Psychology, 88*: 267-72, 1972.

O presente estudo pretende examinar os efeitos de similaridades políticas e disposições culturais no uso do espaço pessoal.

Os sujeitos foram 44 pedestres, homens, de 25-55 anos de idade aproximadamente, que eram abordados isoladamente pelo experimentador. Estando próximas as eleições, este usava escudo relativos a partidos opostos, alternadamente. Esse procedimento aplicou-se em vizinhanças tidas como conservadoras e liberais.

A distância que os sujeitos assumiam assim que o experimentador se aproximava pedindo ajuda para localizar uma direção qualquer, era anotada por um observador.

Os resultados mostraram menor interação na vila conservadora em relação ao partido da oposição e praticamente nenhuma diferença na liberal. O estudo pre-

tende mostrar que as diferenças culturais observadas em outros estudos de proxêmica provavelmente se devem a características influenciadas por um sem-número de estímulos, que assinalariam diferenças críticas entre os sujeitos em interação.

Berkowitz, William R. (A Cross national comparison of some social patterns of urban pedestrians. *Journal of Cross Cultural Psychology, 2* (2): 129-44, June 1971.

Foi feito um estudo de observação de pedestres urbanos em seis grupos nacionais em 155 pontos de amostra, tais como lojas, estacionamentos e áreas de lazer na Turquia, Irã, Afeganistão (moslemes) e Inglaterra, Alemanha, Suécia, Itália e EUA.

O principal aspecto do comportamento social aqui estudado foi o da tendência a se formarem grupos, à interação e ao contato físico, tudo isso como função da idade e do sexo.

Foram poucas as diferenças observadas na freqüência da interação, observando-se, porém, que os italianos, alemães e ingleses tendem a se aproximar mais uns dos outros que os americanos, suecos e moslemes. O propósito da investigação foi o de colher dados que pudessem futuramente gerar hipóteses significativas.

Lombranz, Jacob. Cultural variations in personal space. *The Journal of Social Psychology, 99*: 21-27, 1976.

Trata-se de uma investigação sobre diferenças culturais, no que concerne ao espaço pessoal, em três grupos de estudantes de nacionalidades diferentes.

Os resultados comprovam a hipótese de que há diferenças culturais básicas no comportamento proxêmico, ao mesmo tempo que confirmam a noção de espaço pessoal como um padrão comunicativo em situações caracterizadas pelo conhecimento e experiências culturais. Indicam, também, que os padrões de espaço pessoal podem ser descritos em função de determinada cultura e a interação social, definida como função de ambos.

Mesmo assim, advertem os autores, teremos ainda de percorrer um longo caminho até conhecer, em sua medida exata, a relevância cultural de todas as variáveis situacionais.

Roger, D. B. & Njoli, Q. T. Personal space and acculturation. *The Journal of Social Psychology, 100*: 3-10, 1976.

No presente estudo sobre os efeitos do processo de transição de uma cultura a outra por meio de adaptação a uma forma dominante, os autores obtiveram correlações significativas entre os dois métodos usados.

De fato, os marcantes efeitos da aculturação sobre o comportamento foram claramente demonstrados, assim como a relativamente grande importância da distância como indicador das relações hierárquicas, quando comparadas à orientação.

Os autores, ao estabelecerem comparações inter e intragrupos da distância e orientação no espaço pessoal, empregaram a técnica *doll placement*, que, a seu ver, envolve poucos problemas práticos e excluem os efeitos da percepção dos indivíduos interatuantes.

Embora a técnica usada seja valiosa como técnica projetiva para a investigação das relações interpessoais, a abordagem comportamental apresenta-se bem mais válida do que quaisquer métodos de simulação.

Jorgenson, Dale O. Field study of the relationship between status discrepancy and proxemic behavior. *The Journal of Social Psychology, 97*: 173-9, 1975.

Este estudo baseia-se em observações sobre as relações entre *status* e comportamento proxêmico quanto à distância e ângulo de orientação de pares de pessoas interatuantes.

O aspecto mais interessante deste estudo é que, parcialmente, ele está de acordo com os resultados de pesquisas anteriores sobre o mesmo aspecto, além de confirmar a hipótese levantada. Interlocutores de *status* equivalente guardam distância mais íntima e situam-se em ângulo mais direto durante a interação do que os pares de interlocutores cujo *status* é discrepante.

Embora os resultados da pesquisa permitam concluir que o ângulo de orientação pode ser mais sensível do que a distância às diferenças de *status*, pode-se levantar a seguinte crítica: como não incluíram mulheres na observação, estes resultados não podem ser generalizados, como também não podem ter validade para pessoas de países e culturas diferentes.

Leginski, W. & Izzett, R. R. Linguistic styles as indices Interpersonal Distance. *The Journal of Social Psychology, 91*: 291-304, 1973.

O presente estudo investiga o papel dos estímulos lingüísticos na avaliação da distância entre os interlocutores, assim como indica os padrões de envolvimento desses na distância interpessoal, os quais variam sistematicamente com o estilo lingüístico.

Foram realizados dois experimentos com sujeitos de um curso de introdução à psicologia do College at Oswego da Universidade de Nova Iorque, com o emprego de discos com quatro estilos lingüísticos. O objetivo desses experimentos era determinar em que extensão esses estilos correspondiam às quatro distâncias básicas de Hall.

No primeiro experimento, os dados concordam com o modelo de Hall para distância interpessoal; entretanto, surgiu um problema que exigiu o segundo expe-

rimento, a fim de determinar o que mais influencia: o conteúdo ou o estilo. Assim, outro experimento foi empreendido, acrescentando-se mais quatro teipes, cujos resultados foram uma réplica dos primeiros, revelando, desse modo, que o estilo lingüístico influencia mais do que o conteúdo as determinações de distância dos sujeitos.

Os autores advertem que não estão sugerindo que o conteúdo seja totalmente desprovido de importância, porque a consistência dos resultados nos informa sobre alguma espécie de uniformidade entre os sujeitos.

Clyde Hendrick; M. Giesen & Sharon C. The Social ecology of free seating arrangements in a small group interaction context. *Sociometry, 37* (2): 262-74, 1974.

Trata-se de uma pesquisa realizada por meio de dois experimentos, nos quais os autores estudaram as distâncias espontâneas de sujeitos, ao sentarem-se, em pequenos grupos de discussão.

Seu objetivo foi, precisamente, obter informações sobre distância interpessoal em pequenos grupos de discussão, informações essas que foram colhidas não só quanto à distância na interação do momento, mas também quanto à orientação e à posição relativa no espaço.

Os resultados do primeiro experimento evidenciaram que as distâncias na interação correspondiam às zonas pessoal e social de Hall, indicando, assim, não simples conformidade, mas um ajuste dinâmico de posições.

No segundo experimento foram usados os mesmos procedimentos, com os quais se estudou, sistematicamente, a influência do *líder*, a distância de dois sujeitos relativa ao moderador e ao próprio companheiro.

Os resultados do segundo experimento emergiram como uma extensão do modelo de interação de Argyle e Dean: quando várias pessoas estão em interação, há um ponto de equilíbrio, não tanto por causa do contato visual, como pela necessidade de tornar mais confortável a conversação à distância.

Binet, Jacques. Ofício da pesquisa científica e técnica de ultramar. Urbanismo e linguagem em uma cidade africana. *Diogne*, Paris, (93): 90-113, jan./mars. 1976.

Descrição da disposição das principais cidades da África negra. O autor mostra que a maioria das cidades é dividida em várias subcidades ou bairros relativamente independentes, ou seja, compõem-se de unidades que são justapostas, sem integração. Isso é verdade das cidades novas, construídas a partir do período colonial, e mais ainda no contemporâneo. As cidades antigas possuíam um plano de acordo com a sua cosmovisão, e os seus mitos de orientação do espaço.

Artigo interessante, embora padeça de um defeito comum a muitos escritos europeus: considerar a África negra, como se fosse um país único, com culturas

altamente interligadas. Se um "africano" (*sic*) escrevesse assim sobre a Europa, apanharia, ou, provavelmente, não seria publicado.

Descontando o etnocentrismo do autor, é um trabalho bom de se conhecer, mormente porque muitas coisas parecem aplicar-se às cidades daqui do Brasil.

Obs.: o autor não fala nada sobre linguagem.

McGinley, H.; Lefrève, R., & McGruley, P. The Influence of a comunicator's body position on opinion change in others. *Journal of Person and Social Psychology, 31* (4): 686-90, 1975.

Os autores estudam a influência do comportamento não-verbal na persuasão, verificando a seguinte hipótese: "O público exposto às opiniões de um comunicador que movimenta braços e pernas no sentido da extensão demonstrará maior mudança de opinião do que o público exposto às opiniões de um comunicador que movimenta pouco braços e pernas, e junto ao corpo."

Os resultados mostram que há uma relação entre mudança de opinião e atitude de comunicador. No entanto, não foi encontrada correlação entre a mudança de opiniões e a imagem que o público teve dos comunicadores.

Experimento muito bem estruturado metodologicamente.

Walmsley, D. J. Emotional involvement and subjective distance: a modification of the inverse square root law. *Journal of Psychology, 87*: 9-19, 1974.

O autor preocupa-se em verificar a generabilidade da relação estabelecida por Ekman e Bratfish entre distância geográfica subjetiva (DS) e envolvimento emocional (EE), que seria constante, formando uma lei do inverso da raiz quadrada tal que $EE = b$, b sendo determinado pelas unidades arbitrárias de medida ($\sqrt{DS}$). O autor empreendeu uma série de réplicas do experimento original e mostra que a relação EE/DS não pode constituir uma invariante, porque é uma função da classe do estímulo ao qual os sujeitos são submetidos, havendo diferença qualitativa importante entre a percepção de cidades australianas e asiáticas, por exemplo.

O principal mérito do autor é chamar a atenção para a importância dos fatores culturais globais em que se movem os próprios experimentadores.

Browm, Lester R. The Urban prospect: re-examining the basic assumptions. *Interciência, 2* (3): 163-9, May/June 1977.

O autor denuncia as taxas crescentes de urbanização neste século e analisa as possibilidades futuras, em termos de alimento, energia e situação de emprego.

Urbanização e possibilidades de aproveitamento de energia estão intimamente relacionados.

A rápida urbanização, tão característica durante o terceiro quarto deste século, ocorreu durante uma época em que a energia era barata, era que provavelmente não se repetirá mais. Os planejadores urbanos devem considerar a possibilidade de um mundo que está indo em direção não à era nuclear, mas à de aproveitamento da energia solar. Se isso na realidade acontecer, significa, entre outras coisas, que a distribuição da população será muito mais dispersa, pela simples razão de que a energia solar por si é amplamente dispersa. Também o tamanho ótimo de estabelecimentos humanos será muito menor do que em qualquer época. Planejadores deveriam considerar prospectos de várias e relativamente pequenas comunidades humanas amplamente distribuídas.

Sperandio, J. C. L'Ergonomie du cadre bâti. *Le Travail Humain*, Paris, *39* (2): 227-48, 1976.

O autor, neste artigo, faz uma análise da bibliografia existente sobre o tema e chama a atenção para a quase-nulidade de estudos positivos neste campo.

A expressão *cadre bâti* designa tudo aquilo que é construído no espaço, produção urbana ou arquitetural, em oposição ao espaço natural (não construído).

As pesquisas feitas em torno do tema não foram capazes de determinar uma metodologia centrada na análise das necessidades ou dos comportamentos daqueles que utilizam o espaço. A interface homem-espaço é muito mal conhecida. O problema deve ser abordado pelos enfoques psicológico, fisiológico e psicossociológico. Menciona também campos ainda não explorados pela ergonomia, em termos de espaço, tais como hospitais, escolas e estabelecimentos de caráter cultural.

Bergman, Brian A. The Effects of group size personal space and success-failure upon physiological arouse, test performance, and questionaire response. *Dissertation Abstracts International, 32* (6-A): 3419-20, Dec. 1971.

O problema nessa investigação foi o de determinar os efeitos de tamanho de grupo, espaço pessoal e sucesso-fracasso sobre respostas fisiológicas, desempenho em testes, e respostas a questionários em estudantes do sexo masculino.

Foram apresentadas evidências demonstrando que o "estar no meio de muita gente" (*crowding*) é associado à produção de *stress* psicológico e distorções de comportamento.

De modo geral, os resultados estão de acordo com as teorias do espaço pessoal e da organização: os sujeitos em condições de alta densidade grupal demonstraram maior desconforto do que aqueles que se encontravam em condições opostas.

Lécuyer, R. Adaptation de l'homme à l'espace. Adaptation de l'espace à l'homme. *Le Travail Humain,* Paris, *39* (2): 195-206, 1976.

O objetivo deste estudo é a psicologia do espaço. A primeira parte trata dos aspectos espaciais da relação interindividual e do funcionamento de grupos. A segunda parte trata das relações entre o homem e seu ambiente espacial. Procura determinar as necessidades do homem em matéria de arquitetura.

Dentro da primeira abordagem, o autor cita experimentos e identifica variáveis relevantes na determinação do espaço interpessoal e de grupos.

Para o autor, a relação espacial interpessoal e grupal é determinada pelas condições da comunicação, e pela significação dessa relação espacial dentro da comunicação. Na segunda parte do artigo, aborda o problema da adequação do lugar à sua função em particular às funções psicológicas e psicossociológicas, principalmente no que diz respeito aos lugares de trabalho e de habitação.

Visando um melhoramento nas relações sociais, o autor prega maior organização espacial, adaptando o espaço à realidade social.

Graham, Alan, K. Modeling city – suburb interactions. *Transactions on Systems, Man and Cybernetics, SMC-2* (2), Apr. 1972.

O artigo se baseia no estudo de Forrester, *Urban dynamics*, que estabelece uma representação matemática para as interações urbanas em seus ambientes. Seu propósito é o de examinar as forças que atuam na área urbana, de forma a produzirem crescimento ou estagnação. O autor estende o modelo de Forrester, introduzindo neste os subúrbios.

Do ponto de vista sistêmico, o subúrbio é encarado como tendo efeitos unidirecionais, pois tem influência no sistema mas não é diretamente atingido pela sua dinâmica interna. Aparece no novo modelo como um *input exógeno*, ou uma constante.

Foram feitas algumas modificações no modelo de Forrester para preencher os requisitos da variável examinada.

De Lannoy, J. D. & Feyereisen, P. On the Spatial behavior of students in lecture halles as paradigm of the relations between ecology and sociology in the use of the constructed space-analysis of behavioral strategies. *Psychologica*, Bélgica, *14* (3): 215-28, 1974.

Em duas salas de leitura, foi observado o comportamento de escolha de lugar e o de interação verbal entre estudantes e professores.

Foi demonstrada a existência de diferentes estratégias: posições definidas em *duplas*; evitação dos primeiros e último lugares; a interação verbal aumenta diretamente com a proximidade dos leitores.

A seleção de um lugar específico depende mais de fatores múltiplos, e algumas vezes contraditórios, do que do caráter arquitetural e de fatores ecológicos.

Blum, William Leonard. Comfortable interpersonal distance and locus of control among selected groups' in Israel. *Dissertation Abstracts International, 34* (7-B): 3456-7, Jan. 1974.

Foram feitos três experimentos como um esforço de investigação sobre o estabelecimento da distância interpessoal e o papel do controle em grupos selecionados de Israel.

Foi evidenciada uma relação entre a presença de condições de contato favoráveis e o estabelecimento de distâncias interculturais mais próximas.

Considera-se importante que as respostas de distância sejam examinadas em termos da teoria de distância interpessoal desenvolvida por Duke e Nowicki. Nesta, a expectativa generalizada, a história de reforçamento anterior do indivíduo e o contexto situacional no qual o comportamento ocorre são vistos como determinantes cruciais das respostas de distância interpessoal.

Maury, L. Aspects genetiques de la transposition de le trajets. *Le Travail Humain, 39* (1): 73-86, 1976.

O estudo consta de três experiências acerca da transposição de trajetos, de uma a outra organização espacial, por crianças de três a seis anos. Os experimentos consistiram em fazer as crianças passarem de um determinado ambiente para o espaço livre, ou para outro idêntico ao original, natural ou artificial.

Com isso o autor se propõe a investigar o desenvolvimento da representação do espaço na criança. Na situação apresentada, os trajetos podem ser definidos por dois parâmetros: forma e localização. Uma transposição correta exige a coordenação dos dois parâmetros. Verificou-se que essa coordenação parece só ser alcançada a partir dos cinco-seis anos. Aos quatro-cinco anos a coordenação é difícil.

Os resultados mostram, porém, que a representação do espaço evolui fundamentalmente dos três aos seis anos, sendo a *performance* das crianças, em cada um dos três níveis, de natureza inteiramente diferente.

Gilbert, Alian. The Arguments for very large cities reconsidered. *Urban Studies, 13* (1): 27-34; Feb. 1976.

Recentemente, economistas evidenciaram vantagens da aglomeração urbana. Todos concordam que o centro metropolitano produz mais benefícios que custos e que qualquer tentativa de retardar o crescimento das cidades reduziria o grau de

crescimento econômico da nação. O autor deseja reconsiderar os argumentos desta opinião. Ele acha que o encorajamento para o desenvolvimento de grandes metrópoles deve ser adiado, pois não se provou efetivamente a sua eficácia. (Os estudos que têm sido feitos o foram no "mundo desenvolvido", e isso faria uma grande diferença.) Segundo ele, as cidades teriam mais vantagens com um número de habitantes variando entre 250 mil e 1 milhão e além disso não acredita que a grande maioria das pessoas gostaria de viver em cidades do tamanho de Londres, Nova Iorque, Tóquio ou São Paulo.

O artigo tem por finalidade:

a) questionar os argumentos levantados pelos economistas pró-cidades grandes;
b) ver até que ponto esses argumentos são apropriados para as condições existentes fora dos países desenvolvidos (Terceiro Mundo).

Richardson, H. W. The Arguments for very large cities reconsidered: a comment. *Urban Studies, 13* (13): 307-10, Oct. 1976.

Em resposta ao artigo de Gilbert, Richardson argumenta que a questão importante não é se as cidades grandes são muito grandes, ou as pequenas muito pequenas, mas se a organização espacial da sociedade está de acordo com os seus objetivos: "O que é preciso, talvez, não é pesquisa isolada sobre o tamanho das cidades, mas uma análise mais ampla sobre as relações entre o tamanho das áreas urbanas e a estrutura espacial."

Martindale, David Anthony. Effects of environmental dominance behavior in dyadicverbal interactions. *Dissertation Abstracts International, 32* (6-B): 3643, Dec. 1971.

Foi examinado o problema da dominância territorial em seres humanos, por meio da negociação, por 60 estudantes do sexo masculino, em díades, num ambiente não-neutro (um dormitório pertencente a um deles). A sua tarefa era discutir um caso criminal fictício com um participante fazendo o papel da defesa e o outro o do ataque e da decisão sobre um termo de prisão apropriada para o acusado.

A dominância territorial foi examinada pela determinação de se o proprietário do quarto falaria mais (ou não) e ganharia a negociação.

Lannay, J. D. & Feyreisin, P. On the Spatial behavior of students in lecture halls as paradigm of the relations between ecology and sociology in the use of constructed space-analysis of motivations. *Psychologica,* Bélgica, *14* (3): 229-38, 1974.

Os autores pretendem analisar as estratégias que guiam os estudantes na escolha de lugares num anfiteatro. Levantam a hipótese de que fatores ecológicos e arquitetu-

rais, de uma parte, e fatores sociais de outra, não agem de maneira independente e única sobre o comportamento espacial dos indivíduos.

Para tanto, foram distribuídos questionários a três grupos de estudantes sobre as razões de escolha de um determinado lugar.

Os resultados mostram que as propriedades físicas do espaço não são determinantes das escolhas, em detrimento de fatores psicossociais, tais como a procura das distâncias mínimas e máxima do professor ou do grupo.

Edney, Julian J. Territoriality and control. *Dissertation Abstracts International, 34* (11-A): 7326-7, May, 1974.

Foi feito um experimento para comparar os comportamentos simultâneos de residentes em territórios e visitantes a territórios. As hipóteses foram:

a) os residentes naturalmente experimentam mais controle no terreno da moradia do que os visitantes no mesmo local;
b) devido ao seu maior sentimento de controle, os residentes podem tolerar distâncias interpessoais menores, bem como maior densidade do que os visitantes;
c) quando as diferenças naturais no controle entre residentes e visitantes são trocadas artificialmente por meio de manipulação experimental, então as diferenças hipotetizadas em distância interpessoal e densidade serão também trocadas.

Os resultados indicaram que o controle não é um simples fenômeno unitário. Os residentes mostraram ser mais resistentes ao controle de outros (descrito como controle *passivo*) que os visitantes; mas apareceu também uma forma de controle ativa, separada, para afetar outras medidas espaciais.

Os resultados foram discutidos em relação a achados prévios, levando-se em consideração o valor adaptativo do controle passivo na territorialidade humana.

Nobre, Maria Tereza Roxo. Meandros da Participação: formas de compartilhar espaço. *Ciência e cultura, 30* (5): 535-42; Maio 1978.

Com o objetivo de preservar a memória do carnaval baiano, fez-se um estudo por intermédio de depoimentos de pessoas participantes. O roteiro era composto de seis perguntas.

Os resultados foram analisados baseados nas seguintes questões: Quem brinca e com quem brinca? Como se brinca?

A preocupação central do trabalho foi a de entender como diferentes pessoas participam do carnaval, dividindo o mesmo espaço.

Afirma que os níveis de participação no carnaval de rua teriam uma correspondência aos esquemas de classe existentes na sociedade (classe alta, média e proletariado).

Durante os quatro dias de carnaval, as pessoas reestruturam o espaço *desocupado* e essa ocupação se dá inconscientemente, não predeterminadamente, embora, como a autora mesma cita, essa ocupação siga as mesmas orientações que regem a vida da cidade nos períodos *normais*. Os modelos de participação em manifestações conjuntas correlacionam-se com os modos de organização social. Isso foi visto pelo estudo histórico do carnaval antigo e atual na Bahia.

Stilitz, J. B. The Role of static pedestrian groups in crowed spaces. *Ergonomics, 12* (6): 821-39, 1969.

O presente trabalho pretende pôr em evidência a relação de padrões de movimento em espaços congestionados com os atributos físicos do ambiente. Seus objetivos específicos foram:

a) descrever os grupos estáticos que ocorriam dentro do espaço; isto é, ao redor de uma máquina automática de bilhetes;
b) relacionar essa descrição aos atributos físicos do espaço;
c) determinar os efeitos qualitativos dos grupos estáticos sobre o movimento e congestionamento no espaço.

O autor levanta a hipótese de que um grupo de pedestres imóveis pode jogar importante papel na formação da estrutura dos deslocamentos num espaço povoado. A verificação desta hipótese foi realizada em cinco estações na linha central do Metrô de Londres, à hora do *rush*.

Observaram-se grupos de pessoas usando as máquinas automáticas de bilhetes e grupos estáticos. A colocação desses grupos foi posta em relação com a configuração espacial, e avaliado o seu efeito global sobre os deslocamentos. Observou-se que, em certas condições, os grupos estáticos impedem o movimento e diminuem a extensão dos canais de deslocamentos-chaves.

Embora este estudo seja apenas exploratório, os resultados obtidos sugerem a existência de várias maneiras para otimizar a configuração do espaço em termos dos critérios considerados.

Litlle, Kenneth B. Personal Space. *Journal of Experimental Social Psychology, 1*: 237-47, 1965.

Tecendo considerações sobre espaço pessoal e seus aspectos até agora examinados, o autor afirma que ainda falta muito para ser investigado, principalmente no que concerne às determinantes e aos efeitos da violação de zonas de espaço pessoal, as variações de fronteiras em diferentes ambientes e o conteúdo da interação.

Lançou-se, por isso, a examinar um pequeno segmento desses problemas, ao planejar um estudo cujo objetivo era especificamente:

a) avaliar o efeito do grau de conhecimento entre os dois membros de uma díade em interação quanto a suas distâncias em diferentes ambientes;
b) determinar o grau de congruência entre a medida de zonas do espaço pessoal por uma técnica quase-projetiva e por interações *vivas*.

Os resultados dos dois experimentos levou o autor a concluir que:

a) as distâncias percebidas na interação de uma díade são influenciadas pelo grau de conhecimento dos dois membros;
b) o ambiente em que se realiza o encontro influenciará, por seu turno, a distância percebida em interação entre os membros da díade;
c) há evidência do efeito da interação entre conhecimento e ambiente, interação que parece ser diferente para homens e mulheres.

Os resultados deste estudo exploratório concernem a um grupo específico: estudantes de colégio norte-americano, o que por si mostra suas limitações.

Austin, W. T. & Bates, Frederick, L. Ethological Indicators of dominance and Territory in a human captive population. *Social Forces, 52* (4): 447-55, June 1974.

O presente estudo, pioneiro pelas técnicas empregadas, oferece um rigoroso esquema para determinar etologicamente as relações de dominância, ao mesmo tempo que tenta quantificar e testar vários aspectos do comportamento territorial entre prisioneiros.

Baseia-se esta pesquisa nos seguintes pressupostos básicos, que raramente têm sido testados entre populações humanas:

a) o domínio hierárquico entre homens em cativeiro assemelha-se à ordem instituída entre os animais inferiores para apanhar alimentos;
b) a posse de objetos e do espaço, conceitualizado como "comportamento territorial" por muitos etologistas, pode ser logicamente considerada como característica comportamental humana.

As técnicas a que se submeteram 45 prisioneiros em um acampamento eram idênticas às empregadas pelo estudo etológico de animais inferiores em cativeiro, e as conclusões emergiram da observação direta em uma situação em que os sujeitos se habituaram com a presença do observador, evitando-se tanto quanto possível o *rapport* pela sua influência implícita.

Não obstante suas limitações (dados coletados por um único observador; impossibilidade de generalização dos resultados), a correlação significativa entre as hierarquias atestam a validade dessas técnicas e demonstram a exeqüibilidade dos métodos etológicos nas análises dos padrões de interação social humana.

Duke, Marshall P. Kiebach, Carol. A Brief note on the validity of the confortable interpersonal distance scale. *The Journal of Social Psychology, 94*: 297-8, 1974.

Trata-se de um estudo sobre distância interpessoal, medida pelo questionário denominado Comfortable Interpersonal Distance (CID), de Duke e Nowicki, usando-se duas variáveis: distância real e distância em polegadas.

É uma tentativa de estabelecer a validade do CID, por determinar, de maneira controlada, a relação entre os escores do CID e as preferências de distância na vida real. Com um experimento sobre 10 estudantes de ambos os sexos, cujas correlações foram todas significativas, os autores concluíram que o CID é administrável em grupos grandes, revelando-se como um dos mais eficientes engenhos que pode ajudar a reduzir a confusão na literatura sobre distância interpessoal.

Rawls, J. R.; Trego, R. E.; McGaffey, C. & Rawls, D. J. Personal space as a predictor of performance under close working conditions. *The Journal of Social Psychology, 86*: 261-7, 1972.

Trata-se de dois experimentos cujo objetivo foi determinar se as medidas de espaço pessoal podem ser usadas com a finalidade de predizer os efeitos do grau de proximidade sobre o desempenho de certas tarefas.

Assim, as pessoas que requeriam maior distância entre si e os outros foram comparadas às que exigiam menor distância quanto aos respectivos desempenhos em tarefas psicomotoras e de cálculos.

Tanto os resultados do primeiro como do segundo experimento confirmaram a hipótese levantada: os sujeitos que requerem maior espaço pessoal apresentam maior decréscimo em seu desempenho, quando sob *stress* de aglomerações, do que aqueles menos sensíveis a essas condições. Concluem os autores que o emprego de medidas de espaço pessoal pode ser útil na seleção para ofícios e profissões em submarinos, embarcações e aviões.

Sobel, Robert & Lillith, Nancy. Determinants of nonstationary personal space invasion. *The Journal of Social Psychology, 97*: 39-45, 1975.

O objetivo dessa pesquisa foi estabelecer em experimento de campo, os determinantes das invasões a um espaço não-estacionário. O experimento foi realizado

numa rua da cidade de Nova Iorque em que o fluxo de pedestres era constante mas não intenso, para que dessa forma os sujeitos pudessem ver a aproximação do experimentador.

A estratégia do estudo era colocar um homem e uma mulher como experimentadores, os quais se aproximavam dos pedestres andando entre eles em linha reta, sem oscilações. Os observadores, escondidos num local próximo, registravam os contatos e a distância entre os experimentadores e os pedestres, quando uns passavam pelos outros.

Os resultados desse estudo diferem muito dos encontrados em experimentos de laboratório, onde se medem os efeitos e determinantes da invasão de um espaço pessoal estacionário.

Concluem os autores que, como um constructo manipulável é fácil de medir, o espaço pessoal surge como uma variável altamente efetiva para o estudo de normas comparativas, com o uso de uma metodologia que emprega a observação em situações da vida real.

Sundstrom, E. & Altman, I. Field Study of Territorial Behavior and Dominance. *Journal of Personality and Social Psychology, 30* (1): 115-24, 1974.

Os autores definem o "comportamento territorial individual" (limitação do espaço pessoal a um ou poucos lugares), o "comportamento territorial por área" (exclusividade relativa de cada área para um determinado indivíduo), e tentam verificar em que medida os indivíduos que dominam um grupo utilizam para si o espaço de vida deste grupo. Os estudos anteriores mostram notáveis discrepâncias devidas à especificidade das situações estudadas, mas sobretudo à influência das mudanças no tempo. Daí os autores se preocuparem, neste estudo realizado num pavilhão ocupado por jovens delinqüentes, em realizar uma observação longitudinal, e tentarem verificar em que medida há uma estabilidade, no tempo, do uso do espaço e das relações de autoridade.

A observação (23 rapazes de 12 a 15 anos) prolongou-se por 10 semanas, durante as quais os autores puderam *isolar* fases de estabilidade da população. Concluíram que há uma relação direta entre hierarquia e uso do território.

Collett, Peter & Marsh, Peter. Patterns of public behavior: collision avoidance on a pedestrian crossing. *Semiótica, 12* (4): 281-99, 1974.

Os autores investigam as estratégias desenvolvidas por pedestres para não colidirem na rua. Escolheram como área de observação um cruzamento muito concorrido na cidade de Londres, utilizando vídeo-teipe para registrar o comportamento dos pedestres (quatro horas de filme). Detiveram-se, nessa fase, no *cruzamento* entre

duas pessoas, isolando, a partir do material recolhido, 94 *cruzamentos* entre 188 pessoas.

Codificando os pares e as pessoas, chegaram a um protocolo de observação passível de controle estatístico (χ^2).

Os resultados mostram grandes diferenças de comportamento entre homens e mulheres, sendo que os homens se afastam mais que as mulheres, as quais giram mais o corpo e se protegem com o braço. Esse comportamento é observado, seja qual for o sexo da pessoa que está sendo ultrapassada.

Desor, J. A. Toward a psychological theory of crowding. *Journal of Personality and Social Psychology, 21* (1): 79-83, Jan. 1972.

Este artigo sugere uma definição mais específica para o termo *crowding*: "alto nível de estimulação social". Segundo o autor, essa definição descreveria um óbvio correlato psicológico do tamanho da população e sugeriria também uma teoria testável de *crowding*. "To be crowding" corresponderia a "receber excessiva estimulação de fontes sociais", de forma que os indivíduos se julgariam mais ou menos *crowded* de acordo com a quantidade de estimulação social recebida.

O autor usa como manipulação variáveis arquiteturais para testar sua hipótese: segundo ele, o número de portas divisórias existentes numa sala seriam meios de permitir ou não maiores estimulações sociais.

Foram utilizados bonecos, que os sujeitos distribuíam nas salas, com instruções de colocar o máximo possível de pessoas sem superlotar o ambiente.

Sua hipótese foi confirmada, refletindo que *crowding* é muito mais do que um mero problema de espaço, no qual entraria também a quantidade de redução da percepção de outros.

Tolor, A. & LeBlanc, F. An Attempted clarification of the Psychological distance construct. *The Journal of Social Psychology, 92*: 259-67, 1974.

O estudo visa a esclarecer o constructo de distância psicológica medida pela técnica do esquema social, de Kuelhe, que o autor considera válida. Nela, o conceito que os indivíduos fazem da interação social é representado esquematicamente, evitando assim o uso de medidas verbais da atração social. O teste se baseia na hipótese de que indivíduos com experiências similares presumivelmente adquirem esquemas sociais semelhantes e, portanto, organizam de forma parecida as figuras sociais no espaço. O autor investiga as relações entre desempenho espacial, desejo expresso de associação interpessoal e comportamento social em situações que permitam o engajamento, num experimento com 72 homens e 35 mulheres, estudantes universitários, de 18 a 34 anos de idade.

Estes eram colocados em situação em que se podia observar e medir: a) as distâncias psicológicas preferidas; b) o comportamento interpessoal vigente;

c) modos de esquematização social. Os resultados obtidos indicam uma diferença marcante entre os sexos no comportamento de distanciamento-aproximação, bem como sua complexidade. Em geral, mostram que a mesma distância física pode ter diferentes significados psicológicos para os indivíduos e que o comportamento espacial não é um fenômeno unitário.

Choi, S. C.; Miryapari, A. & Weaver, H. The Concept of crowding: a critical review and proposal of an alternative approach. *Environment and behavior, 8* (3): 345-62, Sept. 1976.

Este artigo tem dois objetivos: explorar as fontes da aparente confusão existente no que concerne ao termo *crowding* e dar-lhe uma definição mais exata.

Os autores se referem à confusão existente entre *densidade* e *crowding*, que são conceitos diferentes mas costumam ser usados sem a distinção necessária. A densidade envolve somente limitações espaciais e *crowding* se refere a um estado experiencial no qual aspectos físicos restritivos e outros interferem, resultando em reações psicofisiológicas no indivíduo.

São feitas revisão e críticas aos principais estudos de diversos autores sobre o tema e suas conclusões.

A conceitualização que os autores sugerem baseia-se em sete proposições que dizem respeito a:

a) proposições básicas sobre o conceito de *crowding*;
b) o universo de variáveis que parece afetar o *crowding*;
c) tipos de respostas que ocorrem em condições de *crowding*;
d) outras específicas, necessárias para a justificação do modelo.

O modelo consiste de dois componentes principais: os fatores que afetam o *crowding* e modos de adaptação. Este é apresentado esquematizado e de forma detalhada.